

A percepção da violência psicológica contra a mulher

The perception of psychological violence against women

La percepción de la violencia psicológica contra la mujer

Raphaella Patriota da Silva¹

ORCID: 0000-0002-1815-1849

Raphaella Nunes Alves^{1,2}

ORCID: 0000-0001-6779-1685

Michelle Amorim Ferreira¹

ORCID: 0000-0001-5585-4925

Cristiane Maria Amorim Costa^{1,2}

ORCID: 0000-0003-1089-2092

Elizabeth Rose Costa Martins²

ORCID: 0000-0001-5947-5535

Bárbara Cristina Gonçalves dos Santos¹

ORCID: 0000-0002-0053-5713

Milton Domingues da Silva Junior¹

ORCID: 0000-0003-1163-9005

Rayssa Santos de Abreu¹

ORCID: 0000-0003-1863-483X

Daniely Lourenço da Silva¹

ORCID: 0000-0001-8791-0565

¹Universidade Veiga de Almeida.
Rio de Janeiro, Brasil.

²Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

Como citar este artigo:

Silva RP, Alves RN, Ferreira MA, Costa CMA, Martins ERC, Santos BCG, Silva Junior MD, Abreu RS, Silva DL. A percepção da violência psicológica contra a mulher. Glob Acad Nurs. 2021;2(Sup.1):e124.
<https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200124>

Autor correspondente:

Michelle Amorim Ferreira

E-mail:

maferreira.enfuva@gmail.com

Editor Chefe: Caroliny dos Santos
Guimarães da Fonseca

Editor Executivo: Kátia dos Santos
Armada de Oliveira

Submissão: 19-06-2021

Aprovação: 10-07-2021

Introdução: O estudo tem como objeto a dificuldade de identificar a violência psicológica conjugal sofrida por mulheres, com o propósito de colaborar na identificação prévia e efetiva por parte das vítimas, minimizando os impactos na saúde e redução nas taxas das demais violências domésticas. A violência é caracterizada como todo ato de agressão ou ameaça, intencional, resultando em danos físicos, psicológicos, déficit de desenvolvimento, que possam levar a privação e/ou até a morte. Seja ela causada contra o próprio indivíduo, grupo ou comunidade¹. A violência de ordem psicológica é considerada a mais avassaladora quando nos referimos a perda da autoestima, esses danos são causados de diferentes formas como a privação da liberdade de realizar atividades cotidianas como trabalho, estudo e contato com a família e amigos, humilhações, ameaças de agressões e xingamentos que denigram a imagem da mulher. Os danos causados as mulheres vítimas de violência vão além das questões físicas, tratam se também de prejuízos severos em seu psicológico, e em sua grande maioria levando a baixa estima. Invisível e imperceptível às vezes no olhar da própria mulher e das pessoas a sua volta, o que gera maior prolongamento do seu sofrimento². A mulher é refém não somente da violência física, mais também em alguns casos de violência psicológica, que vai além de agressões verbais, conta também com a manipulação, culpabilização, críticas constantes, de forma que essa mulher se sinta incapaz, inferiorizada, desanimada, aprisionada. Gerando a perda da estima e graves danos psicológicos³.

Objetivo Geral: Caracterizar o conhecimento das mulheres a respeito da violência conjugal e descrever como as questões culturais influenciam na percepção da violência psicológica conjugal.

Metodologia: O estudo se caracteriza por uma pesquisa descritiva, exploratória com abordagem qualitativa, onde procura desvelar processos sociais que ainda são pouco conhecidos e que pertencem a grupos particulares. Tendo como cenário, uma universidade privada situada no município do Rio de Janeiro. Os participantes do estudo foram doze mulheres universitárias dos cursos de graduação ofertados pela universidade. Critérios de inclusão: mulheres acima de 20 anos que tenham um relacionamento estável por mais de um ano, matriculadas em algum dos cursos da universidade. Foram selecionadas de forma aleatória, conforme a presença no cenário de estudo. Critérios de exclusão: mulheres que não vivem com seus companheiros, com tempo de relacionamento inferior há um ano, ou que não aceitaram participar do estudo. O instrumento de coleta de dados foi por meio de entrevista semiestruturada, formulário online, elaborado junto à plataforma *Google Forms* devido às restrições impostas pela Pandemia do novo Coronavírus. O Estudo seguiu os requisitos éticos propostos pela Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que regulamenta pesquisas realizadas com seres humanos, sendo aprovada pelo Comitê de ética e Pesquisa sob o nº do Parecer: 3.772.84 e do CAEE 26130619.3.0000.5291. Com o intuito resguardar a identidade dos participantes, utilizou-se de códigos de identificação optando pela letra E, de entrevistado, seguido por um número cardinal identificando a ordem das entrevistas. Devido à pandemia de COVID-19, conforme a Resolução n.º 46.970 de 13/03/2020 e diante à suspensão das atividades na universidade, a coleta de dados foi realizada por meio de formulários elaborados junto à plataforma *Google Forms*, após autorização do Comitê de Ética em Pesquisa.

Os dados coletados foram submetidos a análise de conteúdo de Bardin na fase inicial com pré análise dos dados através de leitura flutuante formulando as hipóteses e os objetivos da pesquisa. Na segunda fase foi utilizada a técnica de inferência orientada por polos de comunicação: emissor/receptor, mensagem/canal. Após foram criadas categorias e agrupadas com temas mais amplos, construindo as categorias necessárias para o estudo. Por fim, cada categoria recebeu um nome em função do seu conteúdo e foi vinculada ao conhecimento científico existente⁴.

Resultados e Discussão: Prevalência da caracterização social das participantes (n=12): mulheres com idade entre 31-40 (n= 4); maior incidência foi encontrado em mulheres de 20-30 (n= 5). Casadas (n=6). Quanto ao curso de graduação, (n=9) eram de enfermagem. Atividades laboral exercidas, não tem outras atividades (n= 7). Em relação a violência sofrida pelas participantes, (n=8), sendo em sua maioria da raça parda (n=6). Possuem filhos (n=7), todas possuem conhecimento sobre a Lei Maria da Penha, sendo que (n=3) não sabem como proceder em caso de violência psicológica conjugal contra mulher. A seguir apresentaremos a organização e análise dos dados, processo realizado em etapas, foi feita uma leitura transversal das mesmas e das observações, os conceitos norteadores e as categorias de maior relevância. Categoria I - Enfrentamento da violência psicológica: VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA – IDENTIFICANDO A VIOLÊNCIA: “[...] *Relacionamento abusivo (agressão física, verbal, psicológica, patrimonial)*” (Ent.II). Dessa forma, identifica-se que os sinais desse tipo de violência são confundidos e/ou naturalizados com atitudes normais de um cotidiano relacional pela percepção das vítimas e até mesmo da sociedade⁵. ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ RESSIGNIFICAÇÃO – O RECOMEÇO: “[...] *Tentando me libertar. Fugi de casa mesmo grávida e desempregada. Desapareci da vida do agressor*”. (Ent. VI). “[...] *Hoje? Não deixando que o marido atual me agrida, não permito. Vigilante*”. (Ent. VIII). Esse tipo de violência trás sérios danos, que podem impactar na vida de uma mulher para sempre. Por isso, o reconhecimento prévio por parte da vítima que sofre situações de violência pode ajudar a romper esse ciclo e/ou minimizar seus agravos⁶. Categoria II - Convivendo com a violência psicológica: RELACIONAMENTO ABUSIVO – MANIPULAÇÃO: “[...] *O abusador é manipulador, gosta de impor as coisas, colocar você contra você mesma, as coisas só podem ser do jeito que ele quer, priva as suas escolhas e sua liberdade, chega a agredir verbalmente e/ou fisicamente*”. (Ent. X). Violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima⁷. SENTIMENTO DE DOR – HUMILHAÇÃO: “[...] *Por estar com você todos os dias e me fazer chorar, ser humilhada sem ter feito nada*”. (Ent. V). “[...] *Homens que usam palavras que fazem a mulher se sentir inútil como mulher, profissional etc.*” (Ent. IX). Esse tipo de violência

compromete a saúde psíquica da mulher, trazendo para vítima um sofrimento intenso, levando-a para construção de crenças de desvalorização e autodepreciação, comprometendo a sua autoestima². Categoria III - Influência das questões culturais: INFLUÊNCIA DAS QUESTÕES CULTURAIS/ OMISSÃO SOCIAL INVISIBILIDADE: “[...] *As pessoas que veem isso acontecendo, mas não fazem nada, pois ‘em briga de marido e mulher ninguém mete a colher’*.” (Ent. III). “[...] *A forma ‘silenciosa’ como ocorre, por não deixar marcas físicas geralmente as pessoas não sabem ou não aceitam que seja violência*.” (Ent. XI). As relações violentas, muitas vezes, pelas mãos do próprio parceiro íntimo, estruturam-se frente ao convívio de vínculos da mulher em sua rede social, prejudicando seus relacionamentos com pessoas com as quais mantém laços afetivos, como parentes, amigos e vizinhos, além das instituições formais em segurança, saúde, serviço social ou educação, que podem prestar apoio⁸. MACHISMO ESTRUTURAL E INFLUÊNCIA RELIGIOSA – QUESTÕES CULTURAIS: “[...] *Mim sinto tranquila porque vejo que foi espiritual e vejo que foi numa situação por causa do filho dele, como não mora mais com a gente as coisas melhoraram*” (Ent. IX). A violência contra a mulher é fruto de uma construção cultural, política e religiosa, pautada nas diferenças entre os sexos, podendo culminar com a morte da mulher maltratada³. Influência das questões culturais/ SENTIMENTOS DE VERGONHA E INFERIORIDADE – IMPOTÊNCIA: “[...] *Baixa autoestima, deprimida, sem coragem de denunciar*.” (Ent. II). “[...] *Sensação de violação, medo, vergonha, impotência, fraqueza [...]*” (Ent. III). “[...] *Incapacidade, angústia, impotência*”. (Ent. VI). Pode ocorrer um fenômeno denominado “anestesia relacional”, que se configura como sentimentos, ideias e ações que contribuem para a manutenção da situação de violência, especialmente pela negação ou naturalização da mesma⁶.

Conclusão: Percebe-se a necessidade da desmistificação em relação a essa temática com reconhecimento prévio das ações que levam essa violência, aumentando a visibilidade, e apoio por parte da sociedade a essas mulheres. É imprescindível que essas mulheres sejam cercadas por uma rede de apoio social, devolvendo-as a autoestima e promovendo reinserção no contexto social a fim de minimizar agravos a saúde e riscos de sofrimento de outros tipos de violências e/ou feminicídio. O estudo teve a oportunidade de englobar as questões culturais que influenciam nessa percepção sobre a violência psicológica conjugal. Onde ficou evidenciado que a desigualdade de gênero gerando uma hierarquização, o machismo cultural enraizado na sociedade e naturalizando essa violência. Nos deparamos, mesmo em ambiente familiar, com o silêncio velado, o silêncio dos que sabem e fingem que não sabem, de ambos os lados.

Referências

1. Costa L, et al. Estratégias de enfrentamento adotadas por mulheres vítimas de violência. *Revista Enfermagem Uerj* [Internet]. 2018 [acesso em 27 out 2019];26:19334-19334. Disponível: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/19334>
2. Guimarães RCS, et al. Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. *Revista Cuidarte* [Internet]. 2018 [acesso em 03 nov 2019]9(1):1988-97. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2216-09732018000101988
3. Nóbrega VKM, et al. Renúncia, violência e denúncia: representações sociais do homem agressor sob a ótica da mulher agredida. *Ciência & Saúde Coletiva* [Internet]. 2019 [acesso em 04 nov 2019];24(7):2659-2666. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000702659
4. Bardin L *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições; 2016.
5. Schwab B, Meireles W. *Um soco na alma. Relatos e análises sobre violência psicológica*. Editora Pergunta Fixar; 2018.
6. Galeli PR, Antoni C. Mulheres que vivenciaram violência conjugal: Concepções sobre suas ações, o homem autor e a experiência. *Nova Perspectiva Sistêmica* [Internet]. 2018 [acesso em 30 out 2019];61:100-119. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v27n61/v27n61a07.pdf>
7. Brasil. Lei Maria da Penha n.º 11.340 de 7 de agosto de 2006, p.16,17.
8. Netto LA, et al. Isolation of women in situation of violence by intimate partner: a social network condition. *Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem* [Internet]. 2017 [acesso em 04 nov 2019];21(1):21-20170007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452017000100207&script=sci_arttext&tlng=en

